

A Medição do Templo (Ap. 11.1,2)

Rev. Kenneth L. Gentry, Jr.

Posteriormente em Apocalipse, atentamos à ordem visionária de João para medir o templo e seus adoradores (Ap. 11.1,2). Novamente vemos o foco de Apocalipse claramente em Israel: Esta “santa cidade” com um “templo” deve ser Jerusalém (Ne. 11.1; Is. 48.2; 52.1; 64.10; Mt. 4.5; 27.53).¹ No versículo 8, João desmascara essa “santa cidade” pois ela se torna: um Egito, uma Sodoma, o assassino de Cristo: “Os seus cadáveres ficarão expostos na rua principal da grande cidade, que, em uma figura de linguagem, é chamada de Sodoma e Egito, onde também foi crucificado o seu Senhor”. Realmente, os cristãos do século II chamavam os judeus de “assassinos de Cristo” e “assassinos do Senhor”.²

De forma significativa essa passagem reflete muito a profecia de Jesus no Discurso do Monte das Oliveiras (compare as palavras em grifo):

- § Lucas 21.24: “*Jerusalém* será *pisada* pelos *gentios*, até que os *tempos* deles se cumpram” (grifo do autor).
- § Apocalipse 11.2: “Exclua, porém, o pátio exterior: não o meça, pois ele foi dado aos *gentios*. Eles *pisarão* a *cidade santa* durante quarenta e dois *meses*” (grifo do autor).

Estas passagens paralelas nos informam que a “cidade santa/Jerusalém” será “pisada” pelos “gentios” até que os “tempos deles se cumpram”, isto é, após “quarenta e dois meses”.

Evidentemente, Apocalipse 11.1,2 profetiza a destruição iminente do templo em 70 d.C., pois sua fonte em Lucas 21.21 (v. comparação em Mt. 24 e Mc. 13) profetiza aquele mesmo evento. Note o contexto:

- 1) Jesus fala particularmente do templo do século I (Lc. 21.5-7; v. Mc. 23.38-24.3; Mc. 13.1-4);
- 2) Ele vincula sua profecia à sua própria geração (Lc. 21.32; v. Mt. 24.34; Mc. 13.30). E, novamente, os eventos do Apocalipse são “breve” (Ap. 1.1) e “próximo” (1.3).

¹ Aqui temos uma linha clara de evidência que João escreve o Apocalipse enquanto o templo ainda estava em pé. Caso contrário, ele mencionaria sua destruição seguramente, com fazem os escritores cristãos logo após (e.g., *Barnabas* 16.1ss.; Ignatius, *Magnesians*, 10; Justin Martyr, *First Apology* 32). Para pensar assim, isto é “um templo reconstruído” é apenas uma suposição – e uma suposição que vai ao contrário da conclusão do sistema sacrificial (Hb. 9 – 12).

² E.g., Ignatius, *Magnesians*, 1:1; Justin Martyr, *First Apology* 35; Ireneu, *Contra as heresias*, 3.12.2.

E “o tempo dos gentios”? Daniel 2 profetiza que quatro impérios pagãos sucessivos (a Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia, Roma) dominarão o povo de Deus; e são capazes de fazê-lo porque podem atacar o templo físico na terra especialmente determinada. Mas após um período final de ira, não será possível aos gentios pisar o reino de Deus, porque ele será universal e desvinculado de um templo central (Ef. 2.19-21), uma cidade específica (Gl. 4.25,26), uma terra circunscrita (Mt. 28.19; At. 1.8), e uma raça particular (Gl. 3.9, 29). Como Jesus afirma: está próxima a hora em que vocês não adorarão o Pai nem neste monte, nem em Jerusalém” (Jo. 4:21).

Em outras palavras, a destruição do Templo em 70 d.C. (Dn. 9.26-27)³ após sua “abominação” (9.27; v. Mt. 24.15,16; Lc. 21.20,21) determina o término da capacidade de os gentios de reprimir a adoração a Deus. Em Daniel 9.24-27, Mateus 23.38 – 24.2, e Apocalipse 11.1,2, a “cidade santa” e seu templo terminam em destruição.

Mas como o “tempo dos gentios” refere-se aos 42 meses (Ap. 11.2)? Em 66 d.C., Israel se revoltou contra o opressivo procurador romano Gêssio Florus. Em novembro, o governador romano da província da Síria, Cestius Gallus, tentou por um fim àquela insurreição, mas bateu em retirada prematuramente por razões que não ficaram claras (Josefo, Wars, 2.17-22; Tácito, Histories 5.10). Alguns meses depois, Vespasiano foi “enviado para a Judéia por Nero, em meados de 67, para conter a revolta”.⁴ Em agosto de 70, os romanos violaram o muro interno de Jerusalém, transformando o templo e a cidade em um inferno. Por volta da primavera de 67 a agosto de 70, o tempo de combate imperial formal contra Jerusalém é um período de 42 meses.

João “mede”, para proteção, (Ez. 22.26; Zc. 2.1-5) o templo interno (gr. *naos*), o altar, e os adoradores (Ap. 11.1): o “pátio exterior” é excluído para destruição (11.2). A imagem aqui envolve a proteção da *essência* do templo, seu coração (representando a adoração a Deus pelo seu povo fiel), enquanto as partes do templo (o invólucro, o conjunto da propriedade em si) perecem.⁵ Essa mistura de físico e espiritual está arraigada na mesma idéia do templo. Por exemplo, Hebreus 8.5 faz menção a um “santuário (terreno) que é cópia e sombra daquele que está no céu”. O templo terreno ou externo é cópia ou sombra da realidade divina e espiritual. O “santuário artificial” é uma “representação do verdadeiro” (9.24). Em Apocalipse 11, Deus remova a

³ Daniel 9.26,27 deve se referir a 70 d.C., porque o templo reconstruído nas primeiras 69 semanas é destruído em 70. Presumir que seja outro templo que segue aquele desafia a lógica do texto.

⁴ BRUCE, *New Testament History*, p. 380, cf. p. 381. Tacitus, *The Histories*, tradução de Kenneth Wellesley, Nova York: Penguin, 1986, 277, n. 4.

⁵ Proteger a parte interna e dar a parte externa do templo para destruição é semelhante ao propósito aos selados/protegidos dos judeus cristãos em Apocalipse 7, preparando para a destruição dos judeus não-cristãos. Deus está fazendo uma separação.

sombra ou cópia, de forma que o essencial permanece, o que João aqui retrata como os adoradores no coração do templo.

Isto se assemelha à imagem de Paulo em Gálatas 4.22-26, em que o apóstolo contrasta “Jerusalém abaixo” (literal; Jerusalém histórica) com a “Jerusalém do alto” (a cidade divina de Deus). Ou, como o escritor de Hebreus, que compara o histórico monte Sinai que pode ser tocado (Hb. 12.18-21), com o monte espiritual de Sião, a casa dos “espíritos dos justos” que não podem “ser abalados” (12.22-27). Esta mistura de literal e figura de linguagem não deveria alarmar, porque todos os intérpretes acham que de vez em quando ela se faz necessária. Por exemplo, até mesmo o literalista Robert Thomas, quando insiste que Apocalipse 19 ensina literalmente o retorno de Cristo em um cavalo, frisando que sua esposa e a vara são figuras de linguagem.⁶ E todos vêem uma mistura do alimento físico e espiritual em João 6.49,50m assim como ressurreição física e espiritual em 5.25-29.

Fonte: *Apocalipse*, C. Marvin Pate (organizador), Editora Vida, p. 68-70.⁷

⁶ Revelation 8 – 22, p. 387-9.

⁷ Compre esse excelente livro aqui:

<http://www.edificai.com.br/detalhe.asp?Codigo=483&from=Monergismo>.